

ENTREVISTA (REMOTA) COM ANA MARIA (NITA) ARAÚJO FREIRE SOBRE A OBRA “PAULO FREIRE – UMA HISTÓRIA DE VIDA”

DOI: 10.48075/RI.V24I2.27622

Entrevistada: Ana Maria Araújo Freire¹

Silvana Aparecida de Souza²
Sílvia Cristina Yannoulas³

RESUMO: Transcrição parcial da entrevista com Ana Maria (Nita) Araújo Freire, realizada remotamente em 9 de fevereiro de 2021. O intuito da entrevista foi o de comentar a obra publicada pela autora sobre a biografia de Paulo Freire (“Paulo Freire – Uma história de Vida”), para sua transmissão parcial durante as Rodas de Conversa Paulo Freire 2021 – Fortalecendo Elos entre Educação e Serviço Social, Curso de Extensão oferecido pelo Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação e Discriminação – TEDis, em seis encontros virtuais desenvolvidos ao longo do ano. Filha de educadores, a intelectual pernambucana casou-se em segundas núpcias em 1988 com Paulo Freire. A profa. Ana Maria (Nita) Araújo Freire é mestre e doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Como sucessora legal da obra do Patrono da Educação Brasileira, Ana Maria (Nita) Araújo Freire contribuiu a traduzir e divulgar os livros publicados em vida, e publicou seus livros inéditos após o falecimento. Organizou, documentou e publicou uma detalhada biografia do Patrono da Educação Brasileira

Palavras-chave: Paulo Freire; Educadores; Biografia.

INTRODUÇÃO

Trata-se de reprodução resumida da entrevista (Remota) com Ana Maria (Nita) Araújo Freire, realizada remotamente em 9 de fevereiro de 2021 pelas professoras Silvana

¹ Mestre e doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Como sucessora legal da obra do Patrono da Educação Brasileira, Ana Maria (Nita) Araújo Freire contribuiu a traduzir e divulgar os livros publicados em vida, e publicou seus livros inéditos após o falecimento. Organizou, documentou e publicou uma detalhada biografia do Patrono da Educação Brasileira

² Doutora em educação; professora da UNIOESTE-campus de Foz do Iguaçu. silvana.aparecidapin@gmail.com

³ Professora do Departamento de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade de Brasília. silviayannoulas@unb.br

Aparecida Souza (Unioeste/Foz) e Silvia Cristina Yannoulas (UnB). O intuito da entrevista foi o de comentar a obra publicada pela autora sobre a biografia de Paulo Freire (*“Paulo Freire – Uma história de Vida”*), para sua transmissão parcial durante as Rodas de Conversa Paulo Freire 2021 – Fortalecendo Elos entre Educação e Serviço Social.

Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997), reconhecido internacionalmente como Paulo Freire, foi uma personalidade intelectual e política impactante no Brasil e na América Latina. Constituiu-se referência acadêmica tanto para a área da Educação quanto para a área do Serviço Social, influenciando por meio de sua obra e de suas ações a linha de frente do combate às injustiças e opressões, e desenvolvendo um novo paradigma de consciência crítica. Foi nomeado o Patrono da Educação Brasileira (Lei nº 12.612, de abril de 2012). Sua obra ajuda-nos a compreender as conflituosas relações que se estabelecem no capitalismo entre educação, trabalho e a dimensão pedagógica do Serviço Social. A *Pedagogia do Oprimido*, sua obra mais citada no mundo e em inúmeras línguas, estabeleceu um antes e um depois no pensamento pedagógico, dando o pontapé inicial para o desenvolvimento de uma pedagogia essencialmente crítica, que incluísse os excluídos, os movimentos sociais e a cultura popular. Ele assim constitui uma referência fundamental para pensar uma escola de e para a classe trabalhadora.

Ana Maria (Nita) Araújo Freire, nasceu em Recife (PE), em 1933. Filha de educadores, casou-se em segundas núpcias em 1988 com Paulo Freire. A profa. Nita é mestre e doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/ SP). Como sucessora legal da obra do Patrono da Educação Brasileira, Nita contribuiu a traduzir e divulgar os livros publicados em vida, e publicou seus livros inéditos após o falecimento. Organizou, documentou e publicou uma detalhada biografia do Patrono da Educação Brasileira (Freire, 2017).

O grupo de Pesquisa TEDis (Trabalho, Educação e Discriminação, ver www.tedis.unb.br e <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5505964523291572>) do Departamento de Serviço Social da Universidade de Brasília (SER/UnB), junto com outros grupos de pesquisa parceiros de diversas instituições de educação superior estaduais e federais (UNIOESTE, UNESP, UEPA, UFAM, UFSC, UFES, UFMG, IFB, IFES) e outras instituições afins (Cfess, Comec/Campinas, Sejus/DF, Sedes/DF, See/DF e Inep), desenvolve ao longo de 2021 um curso de extensão constituído de uma série de seis rodas de conversa mensais, no intuito de celebrar o centenário do nascimento do Patrono da Educação Brasileira. O

Público-alvo deste Curso de Extensão totalmente gratuito são docentes e discentes de graduação e pós-graduação, técnicos administrativos de instituições de ensino superior, pesquisadores e gestores da política educacional e outras políticas sociais, professoras de educação básica. Concebido como homenagem ao Prof. Paulo Freire, as Rodas Paulo Freire foram pensadas como espaço de reflexão, diálogo e construção coletiva de estratégias de atuação perante a precarização da política educacional, que se aprofunda ainda mais no presente contexto brasileiro de retração do Estado e do financiamento público, crescimento da desigualdade, do desemprego e da pobreza. Panorama esse agudizado pela pandemia mundial do Covid-19 (para maiores detalhes, ver: <http://www.tedis.unb.br/rodas>).

Uma sucinta explanação sobre o curso e a finalidade da entrevista foi lida ao iniciar o contato virtual. O termo de consentimento livre e esclarecido da profa. Ana Maria (Nita) Araújo Freire foi gravado, e a gravação está sob a guarda das professoras entrevistadoras, Silvana Aparecida Souza (Unioeste/Foz) e Silvia Cristina Yannoulas (UnB). A transcrição e edição de partes da entrevista para efeitos de publicação na Revista Ideação⁴ foi realizada em maio de 2021, durante o período de Licença Capacitação da Profa. Silvia junto à Profa. Silvana, no Campus Foz de Iguaçu da Unioeste.

A ENTREVISTA

Iniciamos agradecendo a disponibilidade da Profa. Ana Maria (Nita) Araújo Freire para gravar a entrevista, inspirada na obra *“Paulo Freire – Uma história de Vida”* (Freire, 2017). O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi lido, com o qual houve concordância da entrevistada, já que a entrevista foi realizada na modalidade online.

Comentamos com a Prof.^a Nita como tinha sido nosso encontro com a obra e a pessoa do Paulo Freire ao longo de nossas vidas profissionais, e a grande emoção e responsabilidade que sentíamos ao conversar com ela sobre a biografia. A profa. Nita destacou a grande recepção dos colegas argentinos aos pensamentos político-pedagógicos de Paulo Freire, às obras por ele publicadas, e especialmente a sempre lembrada palestra do

⁴ Periódico científico de publicação semestral, editada pelo Centro de Educação, Letras e Saúde da Unioeste/Campus de Foz do Iguaçu, de caráter interdisciplinar com interesse especial para as áreas de Educação, Letras, Saúde e Humanidades, e com registro em vários indexadores internacionais: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/index> (consulta em 05 de maio de 2021).

Prof. Paulo Freire em 1985, no auditório do Teatro San Martín, no centro da Cidade Autónoma de Buenos Aires, Argentina (Brandão, s/d.).

PROF.^a SILVANA: Em primeiro lugar e antes de falar do nosso Patrono da Educação Brasileira, nós gostaríamos imensamente de conhecer a trajetória da autora da biografia: **Quem é Ana Maria Araújo? Qual é sua história, formação, experiências?**

PROF.^a NITA: Eu nasci Ana Maria de Albuquerque Araújo. Nasci em 13 de novembro de 1933, na cidade de Recife. Meu pai tinha um educandário, se chamava Osvaldo Cruz, uma escola muito famosa no nordeste todo, que acolhia alunos desde o Maranhão até Sergipe. Perto do Colégio havia muitas pensões masculinas e algumas femininas. Porque ao contrário do que era o costume da época, o Colégio do meu pai era misto, coeducativo, meninos e meninas na mesma sala de aula no curso secundário. Então eu cresci nesse ambiente de educação, de preocupação com a ética, com a solidariedade, isso que eu vi com meus pais, a presença deles marcava essas qualidades. Em um certo momento começaram a diminuir o número de meninas em sala de aula, e eu fiquei única. Então fui fazer o terceiro e o quarto ano do ginásial no Colégio das freiras da Imaculada Conceição, que era perto de casa. Depois voltei para o curso do meu pai, para o curso científico. Depois prestei vestibular para Engenharia, o que era uma ousadia à época: em 1952 ou 1953 existiam apenas 2 engenheiras formadas, uma em Pernambuco e outra no Rio de Janeiro, onde ficavam as únicas faculdades de engenharia do Brasil. Depois fiquei doente, e não mais conseguir frequentar a escola. Fiquei noiva e me casei com Raul Carlos Willy Hasche, com quem eu tive 4 filhos. Mas ainda não contei que meu pai deu uma bolsa de estudos para Paulo, curso secundário e pré-jurídico. Então Paulo frequentava muito a casa dos meus pais, que era em frente do colégio. Era porta aberta, naquela época não se fechava a porta, todos os alunos frequentavam a casa dos meus pais. Tinha russos, palestinos, tinha gente de todo lado, e eu me acostumei com isso. Lá na casa dos meus pais eu era chamada de Nita, e ficou. Quando a mãe do Paulo conseguiu a bolsa de estudos na escola de meus pais, eu tinha 5 anos de idade. Ele sempre foi muito grato aos meus pais. Meu pai depois deu a ele o primeiro emprego, a oportunidade de ensinar língua portuguesa, no primeiro e segundo ano do ginásial, e foi aí quando ele me ensinou.

PROF.^a SILVANA: E quem é Ana Maria Araújo Freire?

PROF.^a NITA: Eu tive muitas dificuldades na minha vida, mas por outro lado eu tive muitos privilégios. Eu fui muito amada por dois homens. E por Paulo foi uma coisa assim, excepcional. Paulo me amou com todas as forças que um ser humano pode ter. Minha história de amor com Paulo foi relativamente curta, mas foi muito intensa, na plenitude, amor na forma mais profunda. Eu já falei em algumas conferências, inclusive Paulo ainda estava vivo, eu gostaria que todas as mulheres se sentissem amadas como eu me senti amada. Paulo tinha uma capacidade de amar, uma mansidão. Aos domingos ele sempre me perguntava: o que tu queres que façamos juntos hoje? Eu estou sempre aberto e predisposto a atender os desejos das minhas esposas. Assim foi comigo e também com Elza, que foi amiga da minha mãe e tinha uns 18 anos mais do que eu. Eu sempre foi “trelosa”, movimenta, sempre fazendo coisas. Ele me chamava de minha menina, e depois começa a me chamar de Boniteza e começa a escrever versos sobre boniteza. Ele ligava e perguntava: como está na minha Boniteza? Um dia deu uma entrevista sobre disciplina escolar para uma professora da PUC/SP, e usa pela primeira vez o conceito de boniteza como conceito pedagógico. A partir dali ele introduz esse conceito. A partir da Pedagogia da Esperança. Boniteza como categoria política e sinônimo de ética, estética, fraternidade, igualdade. Ele socializa esse conceito, essa palavra.

PROF.^a SILVANA: **O que teremos em 2021, ano do centenário de nascimento de Paulo Freire? Conta um pouco quais atividades já estão agendadas para acontecer.**

PROF.^a NITA: Meu presente de aniversário para Paulo serão 3 livros publicados no centenário, um deles sobre a leitura de mundo da palavra boniteza; outro sobre os registros de Paulo como educador, com fac-símile das fichas que ele utilizava; e finalmente um que denomino de “livro testamento”, com depoimentos de pessoas de renome no Brasil e de renome internacional, ligadas ao pensamento de Paulo, como Celso Amorim, Lula, os quatro Ministros da Educação do período de Lula e Dilma, Leonardo Boff, José Geraldo da Universidade de Brasília, mas também de fora como Noam Chomsky, Peter McLaren, Giroux, os da pedagogia crítica, Boaventura de Souza Santos, entre tantos outros.

PROF.^a SILVANA: **Como foi escrever a detalhada biografia de Paulo Freire, 589 páginas de leitura interessante teórica e afetivamente, solidamente documentada, amparada em um leque documental e bibliográfico imenso e riquíssimo?**

PROF.^a NITA: Tendo conhecido Paulo a vida inteira, acompanhado durante muitos anos o processo cognitivo dele, não poderia me negar a escrever sobre a vida dele. Era uma coisa que vinha dentro de mim, esse homem não é um homem qualquer, tem qualidades que são muito raras. Escrevi durante 7 anos o livro, escrevi em ordem histórica, acompanhando as fases da vida de Paulo. Eu somente soube a estrutura do livro quando finalizei, diferente de Paulo que desde início sabia como seria um livro que ele fosse escrever. Eu nunca achava que o livro estava terminado, sempre aparecia uma notícia ou um fato que me despertavam mais e mais a necessidade de continuar escrevendo. Procurei todos os documentos, da universidade, leis, etc., para colocar tudo com rigor. Eu não inventei nem aumentei nada, tudo está documentado. Eu ia escrevendo e fazendo a quase totalidade e vamos dizer 1% eu pedia alguma ajuda, para algumas pessoas sobre questões específicas. Por exemplo, pedi para uma amiga de minha sobrinha pesquisar no local sobre o Instituto Capibaribe. Mas, na quase totalidade dos casos eu mesma fui lá pesquisar, fui pessoalmente na Universidade do Recife, fui no Serviço de Extensão Cultural que está na cidade de Recife, e fui consultando documentos que eu guardei de Paulo. Paulo não guardava nada, eu guardava tudo, ele não tinha percepção da importância dele. Ele enviava os originais para as editoras, e depois não voltavam. Tenho bilhetinhos pequenos de Paulo, em guardanapo, tudo eu juntava. Organizava por partes, por temas, com um cuidado enorme. Eu tenho ciúme dessa minha papelada! Ninguém pega, é parte do meu patrimônio moral e amoroso que eu tenho. Eu digitava, mas em alguns momentos solicitei o serviço de alguém, mas depois eu revia tudo e corrigia com esmero e com muita paixão, presenteando Paulo, dizendo: olha aqui, o amor que eu tenho por ti é esse. Falando um pouco das coisas do cotidiano, da mansidão de Paulo. Então, Paulo era assim: um homem dádivo, não tinha egoísmo, não tinha inveja. Ele se satisfazia com o que ele era, com o que ele tinha.

PROF.^a SILVIA: Essa biografia foi um presente teu para Paulo, mas também para todos nós! Uma delicadeza, um cuidado com a documentação, uma solidez dos argumentos poucas vezes vista. Muito obrigada!

PROF.^a NITA: é uma coisa que eu fiz com muita seriedade. A fotografia da capa foi feita por um fotografo muito renomado, enviado para fotografar o Paulo por um jornalista dos Estados Unidos que tinha feito uma entrevista com Paulo. Esse fotógrafo era muito conhecido, fotografava artistas de Hollywood, chama-se Tom Zimberoff. Ele não cobrou

nada pela fotografia, enviou de Nova Zelândia, cedeu com muita alegria para nós. Meu filho me ajudou a localizar. Como todo mundo gosta de dar palpite, teve quem falou que Paulo não tinha essa pompa da fotografia, ele era outro, do lado do operariado. Mas Paulo era esse também. Ele se sentou de leve na cadeira, porque estava quebrada. O fotógrafo pediu para Paulo escrever alguma coisa na lousa, e depois o próprio fotógrafo apagou tudo, deixou como uma mancha ou um borrado, que sublinha o claro e o escuro da fotografia, que dá vida à fotografia.

PROF.^a SILVANA: **Você fala que sua vida com ele foi curta, mas na verdade você conheceu ele da vida inteira. Você o conheceu com 5 anos, ele foi seu professor no ginásio, foi seu orientador na pós-graduação. Tem também essa ligação ou gratidão com a oportunidade dada pelo seu pai a ele.**

PROF.^a NITA: Quem leu o livro Cartas a Cristina, vê o quanto Paulo foi grato ao meu pai. Aliás, eu sempre digo que esse livro é o mais bonito de Paulo. Ele sempre foi muito sensível e comprometido com o sofrimento, com as injustiças, com a opressão, e muito modesto, não se considerava um gênio. Hoje em dia muita gente fala que ele foi gênio sim. Ele sempre se revoltou com a sociedade classista, racista, que diminui o outro ao máximo possível, uma sociedade colonizada, uma elite que somente pensa em si própria. Veja hoje, morrem na pandemia pessoas de todas as classes, mas é pior com os pobres. Fazendo o livro fui ao Instituto Oswaldo Cruz, que agora está fazendo a vacina. A prof.^a que me convidou para falar em um curso de formação de pesquisadores e educadores em saúde, foi me buscar mais cedo no hotel e me levou para ver Manguinhos, em torno da Universidade. É enorme o prédio, a região. Por trás do prédio moderno estão os prédios onde fabricavam as vacinas à época, contra paralisia infantil, sarampo etc., vacinas que dão às crianças. Entre os prédios das vacinas (sofisticados) e a favela atrás, não há 50 metros de distância. Eles plantaram cipós para separar, mas os moleques quebram para entrar e pegar frutos, ficar por ali. Para isso eles pisam em esgoto a céu aberto, que fica a 30 metros do prédio das vacinas. O Brasil é isso: lado a lado, ciência super sofisticada e pobreza, miséria. Contraste incrível. Fizemos um acordo para evitar as invasões da favela ao prédio das vacinas, oferecem cursos para eles, deixam praticar esportes e usar as quadras, para ter uma convivência pacífica. Paulo na juventude se perguntava vendo isso: por que tantos analfabetos? Ele então começa a frequentar as palafitas e mocambos de Recife. Por que eles não são considerados gente,

como os outros? Para que eles ganhem a condição de sujeitos é preciso que eles se alfabetizem! Paulo pensava que a gente devia iniciar tratando eles como gente, como sujeitos, que eles possam ler a palavra, era fundamental, ele falava.

PROF.^a SILVIA: Eu fiquei muito interessada com algumas passagens tuas do livro que falam da questão do machismo, de como que em alguns documentos que você recuperou havia alguma linguagem machista e que houve um processo de mudança do próprio Paulo em relação à essa questão. Isso chama a atenção. Você acha que isso tem a ver com o trabalho dele no durante o exílio? De que maneira que apareceu esse interesse nele? E como foi para você lidar com esse assunto na biografia?

PROF.^a NITA: Entre os estudiosos franceses descreverem as diferenças entre a genitália feminina e masculina e a publicação da “Pedagogia do Oprimido” não separam muitos anos, 10 ou 12. Era muito recente essa necessidade da mulher se mostrar enquanto diferente do homem também na linguagem. Paulo falava que tinha sido criado em uma sociedade eminentemente machista, que a mãe dizia assim: se for para a cozinha, eu mando embora! Homem não pode entrar na cozinha, nem fazer isso ou aquilo. Ele se criou com uma divisão de tarefas entre homens e mulheres, muito forte. Quando se falava homens, se referiam a homem e mulheres, assim era na semântica da língua portuguesa e assim foi escrita a “Pedagogia do Oprimido”. As mulheres dos Estados Unidos da América, entre elas Bell Hooks, falaram para Paulo: porque o senhor fala “os homens fazem”, “os homens transformam”, “os homens produzem”...? Nós mulheres também fazemos isso professor! Elas escreveram cartas para ele. E Paulo quando recebia alguma crítica ficava sempre meditando sobre o assunto. Um dia ele falou: “não é que essas americanas têm razão!? Eu tenho de dizer homens e mulheres!” Isso foi na década de 1970. Havia esse combate ao machismo na linguagem. Em 1979, 1980, quando volta para o Brasil e vai para Argentina também, ele estava com isso o inquietando muito, e falava homens e mulheres sempre. Na época de “Pedagogia da Esperança”, 1990 ou por aí, ele pede para as editoras que revejam a questão da linguagem nas novas edições dos livros, que onde estava escrito homens, fosse substituído se couber por homens e mulheres. Paulo abandonou essa linguagem machista e foi pouco a pouco, Paulo aceitou sua porção feminina, o que para um nordestino nascido em 1921, era muita coisa. Ele se sentir também incluído quando se dizia “as mulheres”. Sempre

falo que ganhei o Paulo no melhor período dele, porque é muito bom ter um homem ao lado que tem essa visão! Femicídios que vemos hoje em dia, a base é o machismo.

PROF.^a SILVIA: Também no capítulo 2 você menciona o primeiro trabalho ou experiência de Freire com Escola de Serviço Social da UFPE em 1947, ressaltando as mútuas influências marcantes no sentido de desenvolver compreensão crítica da realidade dos oprimidos e explorados (Freire, 2017:86). O Serviço Social é uma profissão que tem sua origem no contexto de hegemonia do capital industrial e financeiro de onde emerge a chamada Questão Social. Embora nos primórdios a identidade profissional foi marcada por intervenções de caráter filantrópico, em meados dos anos de 1960 foi deflagrado um movimento em alguns países da América Latina que questionou essa tendência, o denominado Movimento de Reconceituação. É reconhecida a influência ética-crítica-política-epistemológica de Paulo Freire nesse movimento de Reconceituação do Serviço Social, por se colocar na linha de frente do combate às injustiças e opressões, contribuindo para a compreensão das conflituosas relações entre educação, trabalho e pobreza. O Serviço Social (não apenas no Brasil, mas na América Latina) toma para si a função de “educador popular” nos moldes freirianos, criando definições, objetivos e metodologias de trabalho novas para o Serviço Social, procurando desvencilhar de influências estrangeiras norte-americanas e europeias para encontrar soluções para a realidade latino-americana. A proposta metodológica em construção era pensada numa linha participativa, capacitadora e conscientizadora. A questão acerca do método de trabalho com as classes trabalhadoras na perspectiva de sua emancipação vai perpassar todo o movimento de Reconceituação do Serviço Social, sendo no Brasil o “Método BH” um importante expoente, criado no curso de Serviço Social da Universidade Católica de Minas Gerais (atualmente Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais). Assim, como podemos reconhecer a influência do Paulo Freire na história do Serviço Social latino-americano e brasileiro, como podemos encontrar as marcas do Serviço Social no desenvolvimento do pensamento de Paulo Freire, especialmente na UFPE quando foi docente da Escola de Serviço Social? No livro, você menciona uma “troca dialética” (Freire, 2017:86). Como foi isso?

PROFA. NITA: Antes de iniciar na UFPE, Paulo ensinou na Escola de Serviço Social de Recife. Criada por mulheres que trabalhavam na fábrica de tecidos em Camaragibe. Paulo fazia

trabalhos de formação e conscientização com os operários lá. Elas conheciam o trabalho de Paulo. Elas ficam encantadas com aquilo, e resolvem criar a Escola de Serviço Social do Recife. E Paulo começa a ensinar lá, é a primeira faculdade que Paulo dá aula. Ele mobilizava gente de tudo que era lado, queriam entrar para ouvir as aulas. Ele já era conhecido por aulas no ensino secundário, é a primeira vez em curso universitário. Quando se forma a Universidade do Recife, a Escola passa a fazer parte dela. Nos tempos da ditadura, os militares deram nome de Federal a todas as universidades de capitais dos estados brasileiros, portanto acho que foi em 1967 que a Universidade Federal de Pernambuco passa a ter esse nome. Depois ele passa a dar aulas na Escola de Belas Artes. Mas sempre foi procurado por escolas e faculdades de Serviço Social. Na década de 1990 foi procurado pela Faculdade da Suécia, de Estocolmo. Ele é reconhecido como professor da área, sua obra dá fundamentos ao trabalho do Serviço Social. Quando Paulo fez o primeiro concurso para docente, escreve uma tese que se chama “Educação e Atualidade Brasileira”. Ele fica em segundo lugar, o primeiro lugar ficou com Maria do Carmo Tavares de Miranda, que escreveu sobre a educação num sentido católico, religioso, da influência da causa judaico-cristã. Alguns membros da banca falavam: o que tem educação com a atualidade brasileira? Porque eles não viam nenhuma relação dialética entre a realidade e a educação. Então, Paulo ficou em segundo lugar. Mas, depois, ele vai ser professor da mesma matéria na Faculdade de Filosofia de Ciências e Letras. Depois vem o golpe de 64. E Paulo é considerado subversivo, foi preso 3 vezes e depois veio o pedido de prisão definitiva a ele, já em fins de 64. É quando ele vai, fica na Embaixada da Bolívia, durante quarenta dias...

PROFA. SILVANA: Poderia nos contar um pouco mais das reflexões de Paulo Freire sobre a relação entre educação e política?

PROFA. NITA: Para responder a essa pergunta vou contar uma história da época que Paulo estava exilado no Chile, tido como subversivo pela ditadura militar brasileira, que foi o momento em que escreveu a “Pedagogia do Oprimido”. O Chile estava muito aquém do Brasil, mas estava se desenvolvendo por causa do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário (INDAP). Então tinha várias pessoas lá contribuindo, ainda período democrático. Paulo chega ao Chile e foi convidado imediatamente pelo vice-presidente do Indap, Jacques Chonchol, que era casado com uma brasileira, Maria de Oliveira Ferreira Chonchol, conhecida pelos amigos como Maria Edy. Quando Paulo estava escrevendo o livro

para publicar, Jacques Chonchol falou que o governo do Chile estava acusando-o de ser contra o presidente e contra o país. Paulo pediu para Jacques que encomendasse a Maria Edy falar com o presidente, sendo brasileira, amiga do presidente e compreendendo português, para explicar que não havia nada disso⁵. O presidente Eduardo Frei conferiu com ela, viu que não havia nada nesse sentido no livro. Mas o Paulo ficou entristecido e pensou que estava na hora de sair do Chile. Havia recebido convite para ir para o Conselho Mundial de Igrejas em Genebra, e também para lecionar nos Estados Unidos. Paulo propôs ir um ano para Harvard, e depois para Genebra, onde ficou por dez anos. Após quinze anos de exílio, conseguiu passaporte brasileiro, voltou para Brasil brevemente em 1979 e definitivamente em 1980. Mas, voltando à história com Chonchol, Paulo enviou o livro para datilografar, e depois deu de presente o manuscrito para Chonchol. Quando Chonchol precisou fugir do Chile após Golpe contra Allende, o manuscrito ficou escondido, não foi encontrado pelos militares. Na volta ao Chile, Maria Edy descobriu que o manuscrito tinha sobrevivido. A “Pedagogia do Oprimido” marcou um momento importante na história da pedagogia do mundo, há um antes e um depois desse livro.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos. Uma noite em Buenos Aires: Uma memória argentina de Paulo Freire. *Vinculando-nos – Un Sitio de Psicología, Educación y Sexualidad*, s/d. Disponível em: <https://www.vinculando-nos.com.ar/articulo-03>. Acesso em 05 de maio de 2021.

FREIRE, Ana Maria de Araújo. *Paulo Freire: Uma história de vida*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2 ed. revisada e atualizada, 2017, 592 páginas.

GENTILI, Pablo. Paulo Freire y la historia de un manuscrito. *Diálogos del Sur*. 26 de setiembre de 2014. Disponível em: <https://dialogosdelsur.operamundi.uol.com.br/chile/56494/paulo-freire-y-la-historia-de-un-manuscrito>. Acesso em 05 de maio de 2021.

Recebido em 19 de junho de 2021.

Aprovado em 21 de junho de 2021.



⁵ Segundo Gentili (2014) o manuscrito do livro Pedagogia do Oprimido, que ainda estava sob custódia de Jacques Chonchol, foi doado à **Biblioteca Nacional do Brasil**.

Ideação. Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde. v. 23, n°2, 2021. e-ISSN: 1982-3010.